

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE II

DIANA GABALDON





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARTE VIII

*Beaucoup*



## DESAPARECIDA

*Oxford, abril de 1971*

– Não – afirmou ele. Segurando o telefone junto à orelha, Roger se virou para espiar pela janela e encontrou um céu cheio de nuvens. – Sem chance. Vou para a Escócia semana que vem, já disse isso.

– Ora, Rog – disse a reitora. – É o tipo de coisa de que você gosta. E não atrapalharia muito sua programação. Você poderia estar nas Terras Altas caçando veados daqui a um mês... e você mesmo me disse que sua *garrota* só vem em julho.

Roger trincou os dentes ao ouvir o sotaque forçado da reitora e abriu a boca para dizer não de novo, mas não foi rápido o bastante.

– São americanos também, Rog – disse ela. – Você é muito bom com americanos. Por falar em *garrotas*... – acrescentou, rindo baixinho.

– Olhe só, Edwina – disse ele, reunindo paciência. – Tenho coisas para fazer nesse feriado. E, entre elas, não está ciceronear turistas americanos por museus em Londres.

– Não, não – disse ela. – Pagamos pessoas para fazer a parte turística. Você só teria que se preocupar com a conferência em si.

– Sim, mas...

– Dinheiro, Rog – argumentou ela ao telefone, lançando mão de sua arma secreta. – São americanos, como disse. Você sabe o que *isso* significa.

Edwina fez uma pausa longa para permitir que ele pensasse no valor que receberia organizando uma semana de conferência para um grupo de acadêmicos americanos em visita, cujo responsável oficial adoeceu. Em comparação com seu salário normal, era uma quantia enorme.

– Ah... – Ele percebeu que estava fraquejando.

– Sei que você está pensando em se casar em breve, Rog. Seria um dinheiro a mais para a festa, não?

– Alguém já disse que você é muito sutil, Edwina?

– Nunca. – Ela riu de novo e então voltou ao modo executivo: – Bem, vejo você na segunda para a reunião de planejamento. – E desligou.

Ele resistiu ao impulso fútil de bater o telefone e desligou normalmente. Talvez não fosse tão ruim, afinal, pensou com desânimo. Não se preocupava com o dinheiro, para dizer a verdade, mas, tendo uma semana de conferências para cuidar, talvez conseguisse ocupar a mente. Pegou a carta muito amassada que estava ao lado do telefone e a alisou, passando os olhos pelos parágrafos sem de fato ler tudo.

Sinto muito, escrevera ela. Convite especial para uma conferência de engenharia no Sri Lanka (Nossa, será que todos os norte-americanos participam de conferências no verão?), contatos valiosos, entrevistas de emprego (Entrevistas de *emprego*? Meu Deus, eu sabia, ela nunca mais vai voltar!) – não tinha como negar. Sinto muitíssimo. Nós nos vemos em setembro. Escreverei. Com amor.

– Sei, sei – disse ele. – Com amor.

Amassou a carta de novo e a jogou na penteadeira. Ela bateu na borda do porta-retratos prateado e caiu no carpete.

– Você poderia ter me dito de uma vez – vociferou. – Então você encontrou outra pessoa. Você tinha razão, não é? Você foi sábia. Eu, tolo. Mas não podia ser sincera, sua mentirosa?

Ele estava tentando ficar com raiva; sentir qualquer coisa que preenchesse o vazio de seu estômago. Não estava dando certo.

Pegou o porta-retratos prateado com a foto, querendo rasgá-la, querendo apertá-la contra o coração. No fim, só ficou olhando para ele, por muito tempo, e então o pousou com delicadeza, virado para baixo.

– Sente muito – disse ele. – Pois é, eu também.

### *Maiο de 1971*

As caixas estavam à sua espera na portaria quando ele voltou à faculdade no último dia da conferência, com calor, cansado e totalmente irritado com os americanos. Havia cinco caixas grandes de madeira com adesivos coloridos de remessa internacional.

– O que é isto? – perguntou Roger, balançando a prancheta que o homem da entrega lhe dera e procurando uma gorjeta no bolso com a outra mão.

– Não sei. – O homem, truculento e suando por causa do trajeto feito pela área dos fundos até a portaria, deixou a última caixa em cima das outras com um baque. – Tudo seu, amigo.

Roger tentou sacudir a caixa de cima, para descobrir seu conteúdo. Se não

eram livros, era chumbo. No movimento, viu a borda de um envelope grudado na caixa de baixo. Com certa dificuldade, ele o soltou e abriu.

*Certa vez, você me contou que seu pai dizia que todo mundo precisa de uma história. Esta é a minha. Pode mantê-la com a sua? Não havia “oi” nem “tchau”; só uma única letra B escrita com uma caligrafia forte e angular.*

Ele olhou para ela por um momento, então dobrou o bilhete e o colocou dentro do bolso da camisa. Agachando-se com cuidado, pegou a caixa de cima e a levantou. Meu Deus, devia pesar 30 quilos, pelo menos!

Colocou a caixa no chão da sala e entrou no quarto pequeno, onde procurou algo dentro de uma gaveta. Armado com uma chave de fenda e uma garrafa de cerveja, voltou para mexer na caixa. Tentou controlar a ansiedade, mas não conseguiu. *Pode mantê-la com a sua?* A garota enviara seus pertences a um cara com quem ela pretendia terminar?

– História, não é? – murmurou ele. – Qualidade de museu, pelo modo com que foi empacotada. – O conteúdo havia sido colocado em caixas duplas, com uma camada de palha no meio, e a caixa de dentro, quando aberta, revelou caixas menores e uma série de objetos envolvidos em jornal.

Ele pegou uma caixa de sapatos e espiou dentro dela. Fotografias; velhas, com bordas arredondadas, e mais novas, brilhantes e coloridas. Ele viu parte de um retrato grande feito por um profissional e o puxou.

Era Claire Randall, como da última vez que ele a vira; olhos cor de mel calorosos e vivos emoldurados por cachos castanhos sedosos, um leve sorriso, boca delicada. Enfiou-o de novo na caixa, sentindo-se um assassino.

O que surgiu das camadas de jornal foi uma boneca de pano com o nome bem conveniente de Ann Trapo, o rosto tão desbotado que só os olhos de botão restavam, presos num olhar inexpressivo e desafiador. O vestido se rasgara, mas tinha sido cuidadosamente costurado, e o corpo de tecido macio estava manchado, mas limpo.

Logo embaixo, havia um velho chapéu de Minnie Mouse, com um laço de espuma cor-de-rosa ainda preso entre as grandes orelhas. Uma caixinha de música barata que tocava “Over the Rainbow” quando aberta. Um cachorro de pelúcia sem pelo em algumas partes. Uma blusa de moletom vermelha desbotada, tamanho médio masculino. Poderia servir em Brianna, mas, de alguma forma, Roger sabia que tinha sido de Frank. Um vestido rasgado de seda marrom. Num impulso, ele o aproximou do nariz. Claire. Seu cheiro fez com que ela ganhasse vida instantaneamente, um odor fraco de almíscar e plantas, e ele largou a peça, abalado.

Sob mais uma camada havia um tesouro importante. O peso da caixa se devia,

em grande parte, aos três grandes baús achatados no fundo, cada um deles com um aparelho de jantar de prata, cuidadosamente embrulhado em tecido cinza. Cada baú tinha um bilhete datilografado do lado de dentro, indicando a origem e a história da prata.

Um conjunto de prata francês, as bordas com desenhos de cordas com nós, com a sigla DG do fabricante, adquirido por William S. Randall, 1842. Um com o padrão inglês antigo George III, adquirido em 1776 por Edward K. Randall. O terceiro, no padrão Husk Shell, de Charles Boyton, adquirido em 1903 por Quentin Lambert Beauchamp, dado como presente de casamento a Franklin Randall e Claire Beauchamp. A prata da família.

Cada vez mais confuso, Roger continuou dispondo os itens cuidadosamente no chão ao lado dele, os objetos de valor sentimental e de uso prático que formavam a história de Brianna Randall. História. Deus, por que ela havia usado essa palavra?

O susto aumentou a confusão quando outro pensamento lhe ocorreu, e ele pegou a tampa da caixa, conferindo a etiqueta do endereço. Oxford. Sim, ela *tinha* enviado tudo para lá. Por que para lá, se ela sabia – ou pensava – que ele estaria na Escócia durante o verão? E estaria mesmo, não fosse a conferência de última hora... e ele não havia contado a ela.

Enfiada no canto estava uma caixinha de joias, uma caixa pequena, mas perceptível. Dentro dela havia vários anéis, broches e conjuntos de brincos. O broche que ele tinha dado a ela de aniversário estava ali. Colares e correntes. Duas coisas não estavam.

A pulseira de prata que ele lhe dera e as pérolas da avó.

– Meu Deus! – Ele olhou de novo, só para ter certeza, tirando as joias brilhantes e espalhando-as sobre a cômoda. Nenhuma pérola. Muito menos pérolas barrocas escocesas, espaçadas com arruelas antigas de ouro.

Ela não podia usá-las, não em uma conferência de engenharia no Sri Lanka. As pérolas eram herança, não um enfeite. Ela raramente as usava. Eram o elo dela com...

– Você não fez isso – disse ele em voz alta. – Deus, diga que você não fez isso!

Ele colocou a caixinha de joias na cama e desceu a escada correndo até o telefone.

Demorou muito tempo para conseguir contato com o operador internacional e ainda mais tempo de sons eletrônicos vagos e zunidos, até ouvir o clique da conexão, seguido por um toque fraco. Um toque, dois, e então um clique, e seu coração se acelerou. Ela estava em casa!

“*Desculpe*”, ele ouviu a voz agradável e impessoal de uma mulher, “*este número foi desconectado ou não existe mais*”.

Deus, *não podia* ser! Poderia? Sim, ela poderia ter feito aquilo, a maluca! Onde *diabos* ela estava?

Ele tamborilou os dedos de modo inquieto na coxa, irado, enquanto a linha telefônica clicava e zunia, as conexões eram feitas mais uma vez e ele lidava com as demoras sem fim e as bobagens das recepções e secretarias dos hospitais. Mas, por fim, ouviu uma voz familiar, grave e ressonante:

– Joseph Abernathy.

– Dr. Abernathy? Aqui é Roger Wakefield. O senhor sabe onde Brianna está? – perguntou sem preâmbulos.

A voz grave ficou mais alta, surpresa:

– Com você, não?

Um arrepio tomou conta de Roger, e ele apertou mais ainda o telefone, como se pudesse forçar o aparelho a produzir a resposta que queria.

– Não está. – Ele se obrigou a explicar do modo mais calmo que conseguiu: – Ela viria no outono, depois de se formar e participar de uma conferência.

– Não. Não, não é isso. Ela terminou o curso no final de abril, eu a levei para jantar para comemorar e ela disse que iria diretamente para a Escócia, sem esperar a cerimônia de formatura. Espere, deixe-me pensar... sim, isso mesmo; meu filho Lenny a levou ao aeroporto... Quando? Sim, terça-feira... dia 27. Está dizendo que ela não chegou aí? – o Dr. Abernathy falou mais alto, agitado.

– Não sei se ela chegou aqui ou não. – A mão livre de Roger estava cerrada. – Ela não me disse que estava vindo. – Ele respirou fundo. – Para onde ela foi, o senhor sabe? Londres? Edimburgo?

*Talvez* ela tenha tido a intenção de surpreendê-lo com uma chegada repentina e inesperada. Ele estava surpreso, sim, mas duvidava de que houvesse sido essa a intenção dela.

Visões de sequestro, ataques, bombardeios do IRA apareceram em sua mente. Quase qualquer coisa poderia ter acontecido com uma garota viajando sozinha em uma cidade grande – e quase tudo que poderia ter acontecido seria preferível ao que sua intuição lhe dizia sobre o que *havia* acontecido. Maldição!

– Inverness – disse o Dr. Abernathy. – De Boston a Edimburgo, e então de trem para Inverness.

– Jesus!

Era uma súplica e também uma expressão de desespero. Se ela tivesse saído de Boston na terça-feira, provavelmente chegaria a Inverness na quinta. E na sexta era 13 de abril, a noite de Beltane, o antigo festival do fogo, quando os montes da antiga Escócia eram tomados por chamas de purificação e fertilidade. Quando – talvez – a porta do monte das fadas de Craigh na Dun se abria totalmente.

Roger não conseguia absorver as palavras de Abernathy. Mas ele queria respostas, então tentou se concentrar.

– Não – disse ele, com certa dificuldade. – Não, ela não chegou. Ainda estou em Oxford. Eu não fazia ideia.

O ar vazio entre eles vibrou, o silêncio tomado pelo medo. Ele tinha que perguntar. Respirou de novo, devagar, cada inspiração um esforço consciente, e mudou o telefone de mão, secando a palma suada na perna da calça.

– Dr. Abernathy – disse cuidadosamente. – Pode ser que ela tenha ido atrás da mãe dela, de Claire. Diga. O senhor sabe onde ela está?

O silêncio dessa vez estava carregado de cautela.

– Ah... não. – A voz de Abernathy saiu devagar, relutante e cuidadosa. – Não, receio não saber. Não exatamente.

Não exatamente. Ótima maneira de dizer isso. Roger passou a mão pelo rosto, a barba arranhando.

– Vou fazer uma pergunta – disse Roger com tato. – Já ouviu o nome Jamie Fraser?

A linha ficou em completo silêncio. E então ele ouviu um suspiro alto.

– Ah, pelo amor de Deus! – disse o Dr. Abernathy. – Ela fez isso.

*Você não faria?*

Fora isso o que Joe Abernathy dissera a ele, no fim da longa conversa, e a pergunta permanecia em sua mente enquanto Roger dirigia para o norte, quase sem notar as placas da estrada pelas quais passava, borradas pela chuva.

*Você não faria?*

– Eu faria – dissera Abernathy. – Se você não conhecesse seu pai, se *nunca* o tivesse visto, e de repente descobrisse quem ele era? Você não desejaria conhecê-lo, descobrir como ele era? Eu ficaria curioso.

– O senhor não entende – dissera Roger, passando a mão pela testa com frustração. – Não é como alguém adotado que está querendo descobrir o nome do pai de verdade e que de repente aparece na porta da casa dele.

– Para mim, é a mesma coisa. – A voz grave estava calma. – Bree *foi* adotada,

não? Acredito que ela teria ido antes se não sentisse que seria deslealdade com Frank.

Roger balançou a cabeça, ignorando o fato de que Abernathy não podia vê-lo.

– Não é isso... é a parte de aparecer de repente na porta da casa do pai. Isso, o modo como ela atravessou, como ela foi... olhe... a Claire contou ao senhor?

– Sim, contou – interrompera Abernathy. Seu tom era descontraído. – Sim, ela disse que não era bem como passar por uma porta giratória.

– Para dizer o mínimo.

Só de pensar no círculo de pedras de Craigh na Dun, Roger sentia um arrepio.

– Para dizer o mínimo... *voce* sabe como é? – A voz distante fora tomada pelo interesse.

– Sim, maldição, eu sei! – Roger respirara fundo. – Desculpe. Olhe, não é... não posso explicar, acho que ninguém pode. Aquelas pedras... nem todo mundo as ouve, claro. Mas Claire ouviu. Bree ouve e... e eu ouço. E para nós...

Claire havia passado pelas pedras de Craigh na Dun no antigo festival do fogo de Samhain, no primeiro dia de novembro, dois anos e meio antes. Roger estremecera, e não de frio. Os pelos de sua nuca se arrepiavam sempre que ele pensava nisso.

– Então nem todo mundo pode passar... mas você pode. – A voz de Abernathy estava tomada pela curiosidade. E denotava um pouco de inveja.

– Não sei. – Roger passara a mão pelo cabelo. Seus olhos estavam ardendo, como se ele tivesse permanecido a noite toda acordado. – Pode ser que sim.

Após uma pausa, prosseguira:

– A questão é que... – Ele falara lentamente, tentando controlar a voz, e com ela, seu medo. – A questão é que... ainda que ela *tenha* atravessado, não temos como saber se ou onde ela apareceu.

– Compreendo. – A voz do outro lado da linha havia perdido sua descontração. – E você também não sabe sobre Claire... Se ela conseguiu.

Ele balançara a cabeça, sua visão de Joe Abernathy era tão clara que se esquecera de novo de que o homem não podia vê-lo. O Dr. Abernathy tinha estatura mediana, um homem negro atarracado com óculos de armação dourada, com ar de autoridade a ponto de sua mera presença transmitir confiança e calma. Roger ficara surpreso ao descobrir que essa presença era transmitida pela linha telefônica, mas sentia-se mais do que grato por isso.

– Não – dissera ele em voz alta. Melhor deixar assim por enquanto. Ele não falaria sobre tudo agora, ao telefone com um quase desconhecido. – Ela é uma mulher; não havia muita preocupação pública com o que as mulheres faziam na

época... a menos que fizessem algo espetacular, como ser queimadas por praticar bruxaria ou enforcadas por ter cometido um assassinato. Ou *ser* assassinadas.

– Ha ha – dissera Abernathy, mas não estava rindo. – Ela conseguiu, no entanto, pelo menos uma vez. Ela foi e voltou.

– Sim, ela foi. – Roger vinha tentando se consolar com esse fato, mas havia muitas outras possibilidades surgindo em sua mente. – Porém não sabemos se Brianna foi tão longe ou mais longe. E ainda que tenha sobrevivido às pedras e chegado à época certa... tem ideia de como o século XVIII era *perigoso*?

– Não – dissera Abernathy de modo seco. – Imagino que você saiba. Mas Claire pareceu ter se virado bem lá.

– Ela sobreviveu – concordara Roger. – Mas não é um destino de férias... “Se tiver sorte, voltará vivo?”

Uma vez, pelo menos.

Abernathy rira disso, mas com um toque de nervosismo. Tossira e pigarreara.

– Sim. Bem. A questão é que... Bree foi *para algum lugar*. E acho que você está certo a respeito de onde. Quer dizer, se fosse comigo, eu teria ido. Você não?

*Você não?* Ele puxou para a esquerda, ultrapassou um caminhão com as lanternas acesas e atravessou a névoa que se acumulava.

*Eu teria ido.* A voz confiante de Abernathy soou em seu ouvido.

INVERNESS 30 KM era o que estava escrito na placa, e ele entrou com o minúsculo Morris repentinamente à direita, escorregando no asfalto molhado. A chuva batia com força no capô, forte o bastante para que subisse uma névoa da grama.

*Você não?* Ele tocou o bolso da frente da camisa, onde a foto de Brianna permanecia sobre seu coração. Depois tocou a borda arredondada do medalhão de sua mãe, pegou no último momento para dar sorte.

– Sim, talvez sim – murmurou, semicerrando os olhos para a chuva que batia no para-brisas. – Mas eu teria contado a minha intenção a você. Em nome de Deus, mulher... por que não me contou?

## RETORNO A INVERNESS

O cheiro de móveis polidos, tinta fresca e odorizador de ar pairava em nuvens sufocantes no corredor. Nem mesmo essas evidências olfativas do zelo doméstico de Fiona conseguiram competir com os aromas deleitáveis que vinham da cozinha.

– Morra de inveja, Tom Wolfe – murmurou Roger, respirando fundo enquanto colocava a mala no corredor. A velha casa definitivamente estava sob nova direção, mas nem sua transformação de casa paroquial em pousada tinha conseguido alterar sua característica básica.

Recebido com entusiasmo por Fiona – e um pouco menos por Ernie –, ele ficou no seu antigo quarto frio no alto da escada e se dedicou totalmente ao trabalho de busca. Não foi tão difícil encontrar seus rastros: além da desconfiança normal dos moradores das Terras Altas em relação a desconhecidos, uma mulher de 1,80 metro com cabelos ruivos até a cintura costumava chamar atenção.

Ela viera a Inverness por Edimburgo. Ele tinha certeza disso: ela fora vista na estação. Além disso, sabia que uma mulher alta e ruiva havia contratado um motorista para levá-la ao interior. O motorista não tinha noção real do local aonde eles tinham ido; só sabia que, de repente, a mulher dissera: “Aqui, este é o local, pode parar aqui.”

– Disse que pretendia encontrar os amigos para caminhar pelos campos – contara o motorista, dando de ombros. – Levava uma mochila e estava vestida para caminhar, com certeza. O dia estava úmido demais para uma caminhada nos campos, mas você sabe como esses turistas americanos são malucos.

Bem, ele sabia como *ela* era maluca, pelo menos. Devido a sua teimosia e insistência, se ela acreditava que tinha que fazer isso, por que *diabos* não disse a ele? Porque não queria que você soubesse, pensou com desânimo. E ele não queria pensar sobre por que ela não queria.

Até agora, ele havia conseguido. E só havia uma maneira de continuar seguindo-a.

Claire especulara que, fosse lá o que fosse aquele portal em Craigh na Dun, ele ficava mais aberto nos festivais antigos do sol e do fogo. Parecia dar certo – ela havia passado pela primeira vez no Beltane, em primeiro de maio, e, na segunda vez, no Samhain, em primeiro de novembro. E agora Brianna evidentemente seguira os passos da mãe, indo ao Beltane.

Bem, ele não esperaria até novembro – só Deus sabia o que poderia acontecer com ela em cinco meses! Mas Beltane e Samhain eram festivais do fogo; havia um festival do sol entre eles.

O do solstício de verão seria o próximo. Em 20 de junho, dali a quatro semanas. Ele rilhou os dentes ao pensar em esperar, pois seu impulso era ir *agora* sem pensar em nada, mas não conseguiria ajudar Brianna se seu impulso de partir corajosamente atrás dela o levasse à morte. Ele não tinha ilusão nenhuma acerca da natureza do círculo de pedras, não depois do que havia visto e ouvido até então.

Muito discretamente, começou a preparar o que podia. E à noite, quando a névoa vinha do rio, ele buscava se distrair de seus pensamentos jogando damas com Fiona, indo ao pub com Ernie e – em último caso – abrindo de novo as dezenas de caixas que ainda entupiam a velha garagem.

A garagem tinha um ar sinistro; as caixas pareciam se multiplicar como pães e peixes – sempre que ele abria a porta, via mais delas. Provavelmente terminaria a tarefa de separar as coisas de seu falecido pai um pouco antes de morrer, pensou. Apesar disso, por enquanto, o trabalho maçante era uma bênção divina, pois ocupava sua mente o suficiente para impedir que enlouquecesse durante a espera. Em algumas noites, ele até conseguia dormir.

– Você tem uma fotografia na mesa. – Fiona não olhou para ele, mas manteve a atenção voltada para os pratos que estava lavando.

– Muitas fotografias. – Roger tomou um gole de chá com cuidado; ao mesmo tempo quente e fresco. Como ela conseguia fazer isso? – Você quer alguma? Sei que há muitas fotos da sua avó. Fique à vontade, mas gostaria de guardar uma.

Ela olhou para ele, meio surpresa.

– Ah. Da vovó? Sim, nosso pai vai gostar de vê-las. Mas eu me referia à maior.

– Maior? – Roger tentou pensar em qual seria a foto a que ela podia estar se referindo; a maioria delas eram fotos em preto e branco feitas com a antiga Brownie do reverendo, mas havia algumas maiores: uma dos pais dele, outra da avó do reverendo, parecendo um pterodátilo em veludo cotelê, feita na ocasião do centésimo aniversário da senhora. Fiona não podia estar se referindo àquelas.

– A daquela mulher que matou o marido e fugiu. – Fiona contraiu os lábios.

– Daquela... ah. – Roger tomou um grande gole de chá. – Você se refere a Gillian Edgars.

– Ela mesma – repetiu Fiona com teimosia. – Por que tem uma foto dela?

Roger pousou a xícara e pegou o jornal da manhã, de um modo casual forçado, enquanto pensava no que dizer.

– Ah... alguém me deu aquela foto.

– Quem?

Fiona era persistente, mas raramente tão direta. O que a incomodava?

– A Sra. Randall... a Dra. Randall, quero dizer. Por quê?

Fiona não respondeu, mas comprimiu os lábios.

Roger, nesse momento, já não se interessava pelo jornal. E o pousou com cuidado sobre a mesa.

– Você a conhecia? – perguntou ele. – Gillian Edgars?

Fiona não respondeu diretamente, mas se virou de lado, mexendo o chá.

– Você foi às pedras em Craigh na Dun; Joycie disse que Albert viu você descendo quando ele passou dirigindo rumo a Drumnadrochit, na quinta.

– Sim, fui. Não é crime, é? – Ele tentou fazer piada, mas Fiona não caiu.

– Você sabe que é um lugar assustador, todos aqueles círculos. E não me diga que foi até lá para admirar a vista.

– Eu não diria isso.

Ele se recostou na cadeira, olhando para ela. Seu cabelo preto encaracolado estava arrepiado; ela passava as mãos nele quando estava agitada, e naquele momento certamente estava muito agitada.

– Você a conhece. Isso mesmo; Claire disse que você a havia conhecido. – A leve faísca de curiosidade que ele havia sentido ao ouvir o nome de Gillian Edgars crescia e se tornava uma chama clara de ansiedade.

– Não posso conhecê-la, certo? Ela morreu. – Fiona pegou a tigela de ovos vazia, os olhos fixos nos fragmentos descartados das cascas. – Não morreu?

Roger estendeu a mão para tocar o braço dela.

– Morreu?

– É o que todos acham. A polícia não encontrou vestígios dela. – A palavra polícia saiu como “polis” em seu sotaque de habitante das Terras Altas.

– Talvez eles não estejam procurando no lugar certo.

Seu rosto corado ficou totalmente pálido. Roger apertou o braço dela, mas ela não tentou se livrar. Ela sabia, maldição, ela sabia! Mas *o quê?*

– Conte, Fiona – disse ele. – Por favor, conte. O que sabe sobre Gillian Edgars e as pedras?

Ela se afastou nesse momento, mas não foi embora. Só ficou ali, virando a tigela de ovos nas mãos. Roger se levantou e ela se afastou ainda mais, olhando para ele com receio.

– Um acordo, então – disse ele, tentando manter a voz calma, para não assustá-la. – Conte para mim o que sabe e eu lhe conto por que a Dra. Randall me deu aquela foto... e por que eu estava em Craigh na Dun.

– Preciso pensar. – Rapidamente, ela se abaixou, pegou a bandeja de louça suja e saiu antes que ele pudesse dizer qualquer coisa para impedi-la.

Lentamente, ele sentou-se de novo. O café da manhã estava bom – todas as refeições de Fiona eram deliciosas –, mas caiu no estômago dele como pedras, pesado e indigesto.

Não deveria ser tão incisivo, disse a si mesmo. Era o segredo para se decepcionar. Afinal, o que Fiona poderia saber? Ainda assim, qualquer menção à mulher que dizia se chamar Gillian – e, mais tarde, Geillis – era suficiente para chamar sua atenção.

Ele pegou a xícara de chá e bebeu sem sentir o gosto. E se ele cumprisse o acordo e contasse tudo a ela? Não só sobre Claire Randall e Gillian, mas sobre si mesmo – e sobre Brianna.

Pensar em Bree foi como sentir uma pedra no peito, e o medo se espalhou em todas as direções. *Ela está morta*. Fiona havia dito sobre Gillian. *Não está?*

*Está?*, respondera ele, a imagem vívida da mulher em sua mente, os olhos verdes arregalados e os cabelos claros soltos ao ar quente vindo de uma fogueira, pronta para correr pelas portas do tempo. Não, ela não havia morrido.

Não antes, pelo menos, porque Claire a havia conhecido... será que a conhecera? Antes? Depois? Ela não havia morrido, mas estava morta? Deveria estar agora, não é? E ainda assim... maldita confusão! Como pensar nisso de modo coerente?

Inquieto demais para permanecer ali, ele se levantou e atravessou o corredor. Parou na porta da cozinha. Fiona estava de pé junto à pia, olhando pela janela. Ela o ouviu e se virou, com um pano de prato não usado na mão.

O rosto estava vermelho, mas determinado.

– Não devo dizer, mas direi, preciso dizer. – Ela respirou fundo e ergueu o queixo, parecendo um pequinês diante de um leão. – A mãe de Bree, aquela Dra. Randall, simpática, perguntou sobre minha avó. Ela sabia que a vovó tinha sido uma... dançarina.

– Dançarina? Como assim? Nas pedras?

Roger ficou levemente assustado. Claire havia dito aquilo a ele, quando a conheceu, mas ele nunca tinha acreditado que a Sra. Graham, tão séria, realizara cerimônias arcanas nos montes verdejantes nas manhãs de maio.

Fiona soltou a respiração.

– Então, você sabe. Foi o que pensei.

– Não, não sei. Só sei o que Claire... a Dra. Randall... me disse. Ela e o marido viram mulheres dançando no círculo de pedras numa manhã do Beltane, e sua avó era uma delas.

Fiona balançou a cabeça.

– Não era só uma delas, não. A vovó era a invocadora.

Roger entrou na cozinha e pegou o pano de prato da mão dela.

– Venha e sente-se – disse ele, levando-a para a mesa. – E me diga o que é uma invocadora.

– Aquela que invoca o sol.

Ela se sentou. Já tinha decidido, sabia; ia contar a ele.

– É uma das antigas línguas, a canção do sol; algumas das palavras parecem um pouco o gaélico, mas não todas. Primeiro, nós dançamos no círculo, e em seguida a invocadora para e se posta em frente à pedra rachada, e... não é cantoria, mas não é bem fala; é mais como o sacerdote na igreja. Você precisa começar no momento certo, quando a luz do amanhecer aparece no horizonte, para que, quando terminar, o sol entre pela pedra.

– Você se lembra de alguma das palavras? – O lado estudioso de Roger se inquietou e a curiosidade se fez notar em meio à confusão.

Fiona não se parecia muito com a mãe, mas olhou para ele de um jeito que fez com que ele se lembrasse da Sra. Graham e de sua sinceridade.

– Conheço todas elas – disse Fiona. – Sou a invocadora agora.

Ele percebeu que estava boquiaberto e fechou a boca. Ela pegou a lata de biscoitos e a colocou diante dele.

– Mas não é o que você precisa saber – disse ela de modo casual –, então não vou contar a você. Quer saber sobre a Sra. Edgars.

Fiona havia conhecido Gillian Edgars, sim; Gillian tinha sido uma das dançarinas, mas era nova. Gillian havia feito perguntas para as mulheres mais velhas, disposta a aprender tudo o que pudesse. Também queria aprender a canção do sol, mas isso era segredo; só a invocadora e sua sucessora a conheciam. Algumas das mulheres mais velhas sabiam parte dela – aquelas que tinham ouvido o cântico todos os anos por muito tempo –, mas não tudo, e não os segredos de quando começar e como medir a canção para que coincidissem com o nascimento do sol.

Fiona parou, olhando para as mãos cruzadas.

– São as mulheres; só as mulheres. Os homens não fazem parte disso, e não contamos a eles. Nunca.

Ele pousou a mão sobre a dela.

– Você está certa em me contar, Fiona – disse com muita delicadeza. – Conte-me o resto, por favor. Preciso saber.

Ela respirou fundo, uma respiração trêmula, e tirou a mão de baixo da dele. Olhou diretamente para ele.

– Você sabe para onde ela foi? Brianna?

– Acho que sim. Ela foi para o mesmo lugar que Gillian, não foi?

Fiona não respondeu, mas continuou olhando para ele. A irrealidade da situação tomou conta dele de repente. Ele não podia estar sentado ali, na cozinha confortável e velha que conhecia desde a infância, bebendo chá de uma xícara com o rosto da rainha pintado nela, falando sobre pedras sagradas e viagens no tempo com Fiona. Não com *Fiona*, pelo amor de Deus, cujos interesses se resumiam a Ernie e à economia doméstica!

Ou pelo menos era o que ele pensava. Pegou a caneca, bebeu todo o líquido e a pousou com um leve baque.

– Preciso ir atrás dela, Fiona, se puder. Posso?

Ela balançou a cabeça, claramente temerosa.

– Não sei. Só sei sobre as mulheres; talvez sejam apenas as mulheres que possam. Era isso que ele temia – ou uma das coisas que temia.

– Só temos uma maneira de descobrir, certo? – perguntou ele, de modo casual. No fundo de sua mente, uma rocha alta aparecia escura como uma ameaça contra o céu suave da manhã.

– Tenho o caderno dela – disse Fiona.

– O que... de quem? De Gillian? Ela escreveu alguma coisa?

– Sim, escreveu. Tem um lugar... – Ela olhou para ele e lambeu os lábios. Mantemos nossas coisas ali, prontas, com antecedência. Ela havia deixado o caderno ali e eu o peguei, depois. – Depois de o marido de Gillian ter sido encontrado assassinado no círculo, Roger acreditou que era o que ela queria dizer. – Sei que a polícia provavelmente deveria ficar com ele – continuou Fiona –, mas... bem, eu não quis entregá-lo a eles, e estava pensando... e se tiver a ver com a morte? E eu não podia guardá-lo se ele fosse importante e ainda... – Ela olhou para Roger pedindo compreensão. – Era o caderno dela, sabe, em que ela escrevia. E se ela o tinha deixado naquele lugar...

– Era secreto. – Roger assentiu.

Fiona concordou e respirou fundo.

– Então eu o li.

– E é assim que sabe para onde ela foi – disse Roger com delicadeza.

Fiona suspirou e abriu um leve sorriso.

– Bem, o caderno não vai ajudar a polícia, com certeza.

– Poderia me ajudar?

– Espero que sim – disse ela simplesmente e, virando-se para o aparador, abriu uma gaveta e retirou dela um caderno pequeno, com capa de tecido verde.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)